

caderno de retorno

## **bell hooks, bordadeira amorosa das palavras**

**Priscila Viana**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Sergipe.

Submetido em 17/01/2022. Aceito em 29/01/2022.

**insurgência**

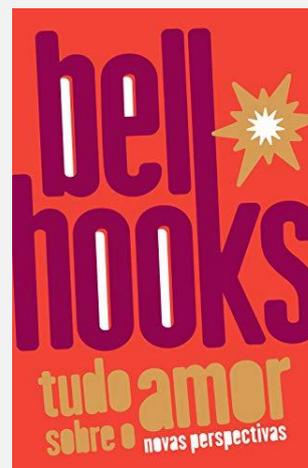
InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, v. 8, n. 2, 2022  
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.  
Este trabajo es licenciada bajo una Licencia Creative Commons 4.0.  
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

## bell hooks, bordadeira amorosa das palavras

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.



O amor como ação política diária transformadora é o fio condutor da obra “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”, da professora, escritora e militante do movimento feminista negro, a estadunidense bell hooks<sup>1</sup>. Lançado no Brasil em janeiro de 2021, o livro é o primeiro volume de sua Trilogia do Amor.

Uma das marcas registradas de hooks foi a tessitura crítica e ao mesmo tempo amorosa de temas como feminismo, racismo, educação, cultura e política a partir da sua admirável trajetória intelectual<sup>2</sup>, militante<sup>3</sup> e também sob a ótica de suas vivências pessoais e de seu percurso emocional. A capacidade sensível da escuta e da observação desenvolvida pela escritora é comumente trazida pelo bordado amoroso com que hooks costura suas reflexões a partir de temas-chave que são muito caros a qualquer ser humano que sonha com - e se dispõe a construir - uma sociedade pautada na justiça, na verdade, no que ela chama de uma “ética amorosa”, que só se torna possível sob uma perspectiva “crítica, feminista e revolucionária”.

E é sob essa ótica que hooks costura as suas reflexões sobre o amor. O nome do livro por si só já se encarrega de suscitar questionamentos e reflexões antes mesmo do

<sup>1</sup> Gloria Jean Watkins nasceu em 1952, em uma pequena cidade segregada do Kentucky chamada Hopkinsville, nos Estados Unidos. Adotou o pseudônimo de bell hooks em homenagem à sua bisavó, Bell Blair Hooks, e o escrevia integralmente em letras minúsculas.

<sup>2</sup> bell hooks estudou nas universidades de Stanford, Wisconsin e Califórnia e lecionou nas universidades Yale, do sul da Califórnia, e New School, em Nova York. Em 2014, fundou o bell hooks Institute. Publicou mais de 40 obras, traduzidas para pelo menos 15 idiomas diferentes.

<sup>3</sup> bell hooks se tornou uma referência na produção de conhecimento do movimento feminista negro. Teve influências do movimento negro de libertação dos anos 1960 e 1970 nos Estados Unidos, com o surgimento do *Black Panthers Party* (Partido Panteras Negras). Muitos dos seus escritos foram utilizados como embasamento pelo movimento Black Lives Matter.

abraço da leitura. Ora, se o amor é tema de tantas obras e escritos em diferentes territórios, sob tantos pontos de vista e disciplinas acadêmicas em diversos fragmentos temporais, por que hooks promete abordar “tudo” sobre o amor, ao mesmo tempo em que se propõe a trazer “novas perspectivas”?

O bordado amoroso das palavras é um dom das pessoas críticas e ao mesmo tempo sensíveis, não só às suas vivências, como também às histórias de vida que a cercam, em um mundo onde “tudo o que eu ouvia ao redor evidenciava que o desamor tinha se tornado a ordem do dia”, como ela escreve logo no início da obra. Ao apresentar como pano de fundo desse poderoso bordado o acionamento de suas memórias de vida, de infância e de seus relacionamentos amorosos, hooks expõe as suas histórias mais íntimas, suas vulnerabilidades e aprendizados emocionais, embasados pela leitura e observação de diversas obras acadêmicas e literárias, músicas e filmes.

As reflexões sobre o amor são trazidas pelo livro a partir de 13 capítulos, além da introdução – “graça: tocada pelo amor” –, o prefácio e o prefácio à edição brasileira, escrito pela pesquisadora e doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Silvane Silva. Fragmentos da obra que, por si só, já valeriam a leitura do livro ao nos lembrar as razões pelas quais refletir e escrever sobre o amor vivendo sob as estruturas capitalistas e patriarcais e em um contexto contemporâneo de isolamento social provocado por uma grave crise sanitária configura-se como um ato político de coragem. É aqui que a autora nos convida a abraçar a sabedoria proporcionada pelo poder transformador do amor a partir da necessária compreensão do “significado metafísico do amor na vida cotidiana”.

E esse significado não tem como estar desvinculado da importância e do poder da palavra, ouvida, escrita, falada, mas, principalmente, vivenciada. Essa é a abordagem trazida pelo capítulo 1, “clareza: pôr o amor em palavras”, no qual a autora se propõe a investigar as origens da nossa dificuldade de amar, a partir de um exercício de acionamento das memórias pessoais e das recorrentes confusões mentais em relação ao que queremos dizer quando usamos a palavra “amor”. Para além da condição de uma “afeição profunda”, pensar o amor como uma ação cotidiana, movida pela vontade e pela intenção coerente da construção, diz respeito a nutrir o crescimento pessoal e espiritual, contraditoriamente à visão do amor como um suposto instinto natural ou um sentimento que seria capaz de conviver naturalmente com condutas de abuso, de constrangimentos, punições, violência e desamor, como muitos de nós aprendem ainda na infância, na convivência familiar.

É a partir dessa linha de raciocínio sobre a coerência que hooks continua a costura pelo capítulo 2, “justiça: lições de amor na infância”. No capítulo 2, a família é trazida pela autora como “a primeira escola de amor”, seja ela “funcional ou disfuncional”. E é a partir de suas vivências familiares e observações cotidianas que ela desmistifica os elos familiares como terras “naturalmente” frutíferas ao crescimento do amor. A afeição aqui não é descartada, mas colocada como um ingrediente do ato cotidiano, portanto, construído, de amar. Se nossas memórias de infância nos mostram que o abuso pode coexistir com amor, são essas as percepções que nos acompanham ao longo da vida e das nossas ações direcionadas à vivência do amor. A naturalização da punição e da violência como artefatos ligados à justiça é uma dinâmica historicamente construída nas culturas ocidentais como supostamente necessária à ordem coletiva e capaz de justificar uma série de relações de poder que estruturam o patriarcado e as formas de dominação do homem sobre as mulheres e as crianças. A justiça a que hooks se refere deve ser nutrida a partir do amor como ato coerentemente político de transformação social, e é na verdade que ela encontra seu coração.

Olhar para si mesma e para o mundo de maneira honesta e verdadeira é a conduta coerente com a prática do amor e o foco central do capítulo 3, “honestidade: seja verdadeira com o amor”. É com medo da punição ou de decepcionar as expectativas dos adultos que ainda crianças aprendemos a mentir, ou seja, faltamos com a verdade e com o senso de justiça. Para hooks, a mentira é o alimento nutridor do patriarcado e do capitalismo. No primeiro, ela é utilizada como artifício à construção e reprodução de relações de poder e dominação dos homens sobre as mulheres, enquanto no segundo, a mentira é encorajada pela cultura do consumo. É a partir da promoção do distanciamento afetivo que os homens conseguem manter sua posição de controle sobre as mulheres, enquanto elas são estimuladas ao fingimento e ao cinismo para se sentirem receptoras de um suposto amor. Fragilizados e fragilizadas por uma constante falta de verdade na prática cotidiana, homens e mulheres se tornam mais vulneráveis à publicidade predatória e à economia de mercado.

E a necessidade urgente da recusa em se tornar outra coisa que não si mesma em sua verdade é o ponto-chave do capítulo seguinte, “compromisso: que o amor seja o amor-próprio”. É aqui que hooks aponta a importância de viver conscientemente, ou seja, “buscar estar consciente de tudo o que sustenta nossas ações, propósitos, valores e objetivos” e “nos engajar em uma reflexão crítica a respeito do mundo em que vivemos” para nos ver como realmente somos e nos aceitarmos a partir da verdade. Essa é a ética amorosa e justa defendida pela autora. É somente a partir da

assertividade sobre a sua verdade que as mulheres se tornam fortes diante das estruturas do patriarcado e que os homens podem se libertar do estrangulamento da masculinidade patriarcal. “A confiança é o fundamento da intimidade” e é somente a partir de uma prática cotidiana pautada no compromisso com a verdade de si mesma e do outro e no senso de justiça que alcançamos a conexão humana a partir de um lugar de satisfação e não de falta.

A lógica capitalista que estimula a alienação e o distanciamento, não somente dos meios de produção, mas também do campo emocional, é apontada por hooks também como um elemento nutridor do distanciamento com a conexão divina. A autora não entra no mérito das religiões ou das práticas religiosas, mas sim da espiritualidade, das possibilidades de conexão com o que ela chama de “crescimento espiritual”, o “companheirismo com almas semelhantes” e a “comunhão”. E, para hooks, “a escolha por amar é uma escolha por conectar”. É no capítulo 6, “valores: viver segundo uma ética amorosa”, que a escritora destaca a necessidade coerente de mudar os pensamentos e as perspectivas patriarcais em tudo o que fazemos”. Abraçar uma ética amorosa conectada com a verdade seria essencial, segundo a escritora, para nos opormos de fato a uma série de políticas conservadoras construídas e apoiadas nos medos coletivos.

A implementação de “mudanças radicais no tecido emocional de sua vida diária” é a linha que conduz a costura do capítulo 7, “ganância: simplesmente ame”. A cultura narcísica, intensificada pelo consumo materialista e pela comunicação centrada no indivíduo encontra terreno fértil na ausência emocional e espiritual de si. O desejo, o medo da escassez, a ganância de possuir impedem a real conexão humana, ou seja, a comunhão amorosa, destacada no capítulo 8, “comunidade: uma comunhão amorosa”. A comunidade é destacada por hooks como o verdadeiro espaço de aprendizado sobre conexão íntima e comunicação honesta uns com os outros, ao contrário do padrão de família nuclear patriarcal, no qual o homem/pai exerce controle absoluto e autocrático sobre a mulher e as crianças. É no âmbito comunitário que exercitamos a compaixão, o perdão, a amizade amorosa e a “reciprocidade: o coração do amor”, tema central do capítulo 9.

“O privilégio do poder no coração do patriarcado” é trazido por hooks como o elemento que estimula a subserviência das mulheres em relação aos homens e a desresponsabilização do homem em nutrir relações verdadeiras de amor, baseadas no compromisso, na confiança e na cumplicidade, na satisfação e no crescimento mútuos. A prática do amor e da generosidade exige tempo para a desconstrução dos

aprendizados arcaicos que prendem homens e mulheres em relacionamentos destrutivos e é a essa desconstrução que hooks nos convida no capítulo 10, “romance: o doce amor”. Romper com antigos padrões em torno do amor romântico, a partir da prática cotidiana dos valores e princípios discorridos pela autora ao longo do livro, é apontado por hooks como o catalisador essencial para se acessar o amor em sua plenitude e assumir os riscos do amor em seu máximo potencial.

O capítulo 11, “perda: amar na vida e na morte”, nos coloca frente a frente com alguns desses riscos. É a força propulsora do amor que se coloca como combustível diante das feridas e vulnerabilidades trazidas pela dor da perda. O culto à violência e ao medo da morte é apontado pela escritora como itens bem sucedidos do projeto de dominação patriarcal a partir da subserviência ao controle e da obsessão constante pela segurança. O antídoto para lidar com esses medos, segundo hooks, seria o empoderamento e a coragem do amor para vivermos plenamente e morrermos bem. Aqui, ela retorna à noção da memória da comunhão como o rumo emocional capaz de nos colocar conscientemente diante da vida e da morte.

O “amor redentor como cura” para as dores e feridas causadas por todas as armadilhas patriarcais e capitalistas é o ponto central do capítulo 12. “A cura é um ato de comunhão” e se forja no caminho que decidimos trilhar rumo ao crescimento pessoal e espiritual. É nesse sentido que a autora fala a respeito da crença no amor divino, ou seja, nos anjos como espíritos guardiães que observam, guiam, protegem, ao longo da vida. Consoladores sábios e mensageiros do conhecimento e da responsabilidade, que ajudam a encontrar a serenidade no meio da luta e a sabedoria sobre como prosseguir no caminho do amor e do bem-estar. Como muitas crianças de sua realidade que experimentaram desde cedo a solidão, hooks fala sobre as mensagens divinas dos anjos a partir de escritos e escritores os quais a fizeram se sentir abraçada.

Abrir o coração para o caminho do amor é a jangada que pode nos levar à margem quando nos afogamos. E o afogamento nos aprendizados tortuosos e cruéis histórica e erroneamente relacionados a um suposto “amor incondicional” tem sido coletivo, segundo hooks. Para ela, é urgente nos segurarmos à jangada forte e poderosa do amor para escapar de todas essas armadilhas, a tempo de cicatrizar as fendas já cravadas e que estimulam ações cotidianas de desamor, violência e autoritarismo; que nos impede de estabelecer uma conexão humanamente verdadeira uns com os outros.

hooks nos deixou aos 69 anos, no dia 15 de dezembro de 2021, em meio à pandemia global que colocou a humanidade em isolamento social e profunda reflexão sobre as conexões humanas e com a Terra. Ao mesmo tempo em que expôs e denunciou

as rachaduras diariamente maquiadas nos pilares do patriarcado e do capitalismo, hooks nos apontou caminhos e essa foi uma de suas especialidades. Apontar luzes com serenidade, sabedoria e olhos atentos é uma maestria das mentes e dos corações sábios, forjados na vivência da luta e da resistência esperançosa, aquela que não se cansa de nutrir pelo sentimento verdadeiro do amor como ação crítica cotidiana e transformadora.

---

**Priscila Viana** | Mestre em Antropologia Social e graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).